

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA FRANCISCA NUNES AZEVEDO DE LIMA

O BRINCAR: UMA PROPOSTA REFLEXIVA

AMERICANA

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA FRANCISCA NUNES AZEVEDO DE LIMA

O BRINCAR: UMA PROPOSTA REFLEXIVA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2005

“Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo. É triste ter meninos sem escolas, mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação humana.”

(Carlos Drummond de Andrade)

“Através de uma brincadeira de criança, podemos compreender como ela vê e constrói o mundo que ela gostaria que ele fosse, quais suas preocupações e que problemas a estão assediando. Pela brincadeira, ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejo, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.”

(Bruno Bettelheim)

“Brincar é um componente crucial do desenvolvimento, pois, através do brincar a criança, é capaz de tornar manejáveis e compreensíveis os aspetos esmagadores e desorientadores do mundo, na verdade, o brincar é um parceiro insubstituível do desenvolvimento, seu principal motor. Em seu brincar, a criança pode experimentar comportamentos, ações e percepções sem medo de represálias ou fracasso, tornando-se assim mais bem preparada para quando o seu comportamento contar.”

(Howard Gardner)

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha família por se privar de minha companhia durante o tempo em que me dediquei aos estudos, aos nossos Professores Assistentes por nos ajudar a descobrir tantas coisas e aos nossos colegas de curso pela convivência respeitosa, solidária e tão carinhosa.

SUMÁRIO

Minhas Memórias	01
Minhas Vivências com Brincadeiras Infantis.....	06
Apresentação	09
Capítulo I: Brincar é coisa séria!	11
Capítulo II: Brincar no Ensino Fundamental	16
Capítulo III: A Infância Pós-Moderna e o Furto do Lúdico.....	19
Considerações Finais	22
Bibliografia	25

ANEXOS

Anexo 1 – Apenas Brincando

Anexo 2 – Produções de textos dos meus alunos

Minhas memórias

Na minha infância, tive momentos de muitas alegrias. Tive pais que me compreendiam, valorizavam-me e estimulavam-me o tempo todo. A falta de recursos financeiros não foi motivo, impedimento, desculpa, para que minha educação fosse ruim.

Fui desde cedo à escola. A minha mãe trabalhava como voluntária (fazia a merenda escolar). Naquela época poucas crianças faziam o jardim.

Tive a oportunidade de ter uma professora que gostava muito de contar histórias e de proporcionar brincadeiras diversas aos alunos. Lembro-me que nesta escola tinha uma velha locomotiva toda colorida no meio do parque. O local era cercado de muitas árvores e eu passava horas brincando na areia fazendo bolinhos e brincando de “mamãe”. Lembro-me também que os pais tinham tempo de dedicar-se aos filhos, a rua ficava cheia de crianças, e ali brincávamos tranquilamente, muitas vezes com a participação dos pais. Enquanto os adultos conversavam sentados em frente às casas, as crianças brincavam tranquilamente. Apesar de morarmos no centro da cidade, todos se conheciam e, em várias ocasiões, brincávamos em outras ruas.

A fantasia e a imaginação faziam parte de minha vida e eram tão presentes que, em certa ocasião, a minha professora precisou faltar, e então veio uma substituta, totalmente diferente; ela gritava muito e por vezes era muito ríspida com os alunos. Um fato muito interessante ocorreu, pois, toda aquela situação, era muito diferente para mim. Eu estava muito assustada e com medo. Notei que a professora substituta tinha uma verruga na ponta do nariz, naquele instante pensei: “Ela é uma bruxa, igual àquelas do livro da professora”.

Então, não sei como, fugi da escola e fui para casa (a escola ficava próxima), para desespero dos funcionários da escola.

Esse fato ficou gravado em minhas memórias e merecem uma atenção maior se observarmos como a criança transfere o imaginário para o real e vice-versa. Acredito que o brincar transforma o imaginário em aprendizagem de forma muito mais simplificada.

Após concluir a pré-escola, iniciei a 1ª série, buscando adaptar-me ao novo. Tive dificuldades, pois não podia mais brincar e mal podia me mexer na classe, as carteiras ficavam umas atrás das outras, e o meu material de estudo era somente o lápis e o caderno.

Não havia o lúdico, pois “não se podia perder tempo”. O professor era o transmissor de conteúdos e os alunos receptores, cabia a eles absorver mecanicamente o conteúdo dado.

A minha irmã mais velha (nove anos de diferença) me ensinava em casa o que eu não conseguia aprender na escola. Ela me ajudava a aprender as continhas de forma lúdica, usando objetos como feijões e palitos de fósforo.

Na 2ª série, novamente enfrentei dificuldades. Eu não conseguia compreender e solucionar os cálculos matemáticos. Mais uma vez, a minha família veio atender as minhas necessidades, por meio do lúdico.

Os jogos e brincadeiras sempre estiveram presentes em minha infância: pega-varetas, jogos de cartas, batalha naval, banco imobiliário, dama, trilha, xadrez, pega-pega, queimada, roba-bandeira, danças, mamãe da rua, elefante colorido, sou pobre, pobre, pobre, amarelinha, roda, brincadeiras cantadas como adoleta, entre outras.

Acredito que todo esse apoio e estímulo foram essenciais para melhorar o meu rendimento escolar e logo superei essa fase.

Hoje vejo a importância desses fatos em minha vida. Procuro colocar-me mais no lugar dos meus alunos, para evitar que certas experiências negativas aconteçam em suas vidas.

Os anos foram passando e concluí a 8ª série sem maiores problemas. Sempre procurei ser responsável em meus estudos e sabia que quando precisasse poderia contar com minha família.

Iniciei o Magistério em 1989, já consciente do desafio que iria encontrar na Educação. Tudo ocorreu muito bem, eu gostava das aulas e empenhava-me em ser boa aluna. Até que, no último ano, uma das professoras responsáveis em analisar meu desempenho na regência me disse: “Você não tem postura para dar aula”. Entrei em um grande conflito profissional, mas acabei me formando.

Fui trabalhar em uma escola particular em Sumaré com uma turma de Jardim I (4 anos), mas fiquei pouco tempo. Logo entrei na Rede Estadual, lecionando em Hortolândia para uma 3ª série. A classe era excelente (naquele tempo classificavam os alunos e organizavam as turmas de forma homogênea).

No ano seguinte, trabalhei com uma turma de segunda série. Com a municipalização, não consegui trabalhar mais pela Rede Estadual.

No mesmo ano, fui chamada para trabalhar na Rede Municipal de Nova Odessa (1999), onde permaneço até os dias atuais no Ensino Fundamental de Educação. Atualmente trabalho com uma turma do 2º ciclo – 3ª série.

Um ano após, fui chamada a trabalhar na Rede Municipal de Hortolândia. Lecionei para turmas de 1ª e 2ª séries.

Optei por mudar do Ensino Fundamental para a Educação Infantil. Aceitei participar de um projeto novo e inovador na rede, trabalhar com crianças de um e dois anos em uma EMEI. No começo, fiquei insegura, mas os cursos de capacitação fornecidos pelo município me auxiliaram, assim como o PROESF, veio de encontro a

atender minhas necessidades e inquietações, com a disciplina “Educação de crianças de 0 a 6 anos”, ministrada pela assistente pedagógica Zenaide que abordou com grande ênfase a importância do brincar na Educação Infantil e Fundamental.

Outros assistentes pedagógicos, como Perci em teoria e práticas da Matemática, Cristina em Teorias e práticas de língua Portuguesa e Angélica em Psicologia Educacional tiveram suas parcelas de contribuição para que eu refletisse mais sobre a minha prática pedagógica.

Com o curso do PROESF pude ampliar e vivenciar os conhecimentos, conciliando-os com a prática. Tudo o que foi estudado nos seis semestres confirmaram as minhas convicções de que o lúdico é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois este facilita de forma prazerosa e significativa a abstração e assimilação dos conhecimentos trabalhados.

Atualmente, trabalho utilizando jogos e brincadeiras como estratégia para facilitar a minha prática pedagógica e melhorar o rendimento escolar dos meus alunos. Procuo alternativas em jogos, dramatizações e brincadeiras como facilitador das minhas ações. Exemplificando: para que meus alunos do Ensino Fundamental compreendam melhor o uso dos cálculos matemáticos fundamentais de maneira mais significativa, construímos um mini-mercado. Todos receberam uma quantia em dinheiro (notas de brincadeiras similares às reais) e tinham autonomia para “comprar” e “pagar”, utilizando a quantidade recebida. Nesta brincadeira, os alunos tinham que calcular, utilizando estratégias próprias (sabendo que o dinheiro não poderia faltar), em seguida, todos faziam os registros no caderno. Durante a atividade, eu os auxiliava em suas dificuldades. Percebi um bom progresso no desenvolvimento da classe, em relação aos cálculos matemáticos.

Segundo Marcelino (1990 p. 72);

“O primeiro e fundamental aspecto sobre sua importância é que o brinquedo, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas deve-se considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de “produtividade social”. A vivência do lúdico é imprescindível em termos de participação cultural crítica e, principalmente, criativa.

Por tudo isso, é fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver.”

Eu já possuía algum conhecimento sobre o assunto, mas pude ampliá-los vivenciando-os, conciliando a teoria e a prática. Muitas de minhas inquietações foram tratadas durante as aulas de crianças de 0 a 6 anos, ora abordadas pela professoras, ora pelas colegas de classe como: as dificuldades encontradas para trabalhar num espaço restrito; o brincar na escola sendo mal visto pelos pais.

Assim como alguns funcionários da área de educação, os auxiliares da limpeza, ou até outros, professores, achavam que o brincar era perda de tempo ou “matar aula”. Diretores e coordenadores torciam o nariz para a “empolgação” dos alunos.

Hoje, na 1ª reunião de pais e mestres, explico a forma com que trabalho e sempre que possível por meio de dinâmicas explico a importância do brincar na escola e sua contribuição para desenvolvimento escolar do discente.

Quanto aos colegas funcionários da escola (professores, diretores), mostro-lhes os resultados alcançados com a prática pedagógica que adotei.

MINHAS VIVÊNCIAS COM BRINCADEIRAS INFANTIS

Brincadeiras na rua eram fatos comuns em minha infância: pega-pega, esconde-esconde, passa-anel, queimada, beijo-abraço ou aperto de mão (essa às vezes era um tanto ousada para a época), boca de forno, entre tantas outras.

Os pais, apesar de limitarem os horários para os filhos retornarem para casa, não tinham grandes preocupações com as brincadeiras de rua, pois os colegas e suas famílias eram conhecidos (todos do mesmo bairro) e a violência não atingia os índices alarmantes que hoje, infelizmente, constatamos. O trânsito no bairro era calmo, com poucos carros, que passavam de maneira civilizada e sem oferecer grandes riscos às crianças que brincavam.

A vida era simples, mas de convivência social intensa. As discussões, os combinados, as regras das brincadeiras, a socialização permanente (até da bola, que nem todos possuíam), o compartilhamento de variadas situações que surgiam e até os segredinhos com amigos mais íntimos, contribuía de maneira muito positiva para a formação dos futuros adultos que ali brincavam, inconscientes de que o prazer de todas aquelas práticas infantis estava sendo fundamental para a formação do cidadão.

Hoje, convivemos com o medo. A violência, o trânsito louco, constituído de pessoas “sempre correndo contra o tempo” foram motivos para minimizar intensamente as brincadeiras de rua, a ponto de quase não observarmos crianças com tais brincadeiras e, caso ainda encontremos em alguns poucos bairros, podemos constatar o olhar vigilante de alguns pais e mães preocupados com o filho na rua. Aliás, é bem comum ouvirmos: “Eu não deixo meu filho brincar na rua” - um senso de proteção, como que tentando afastar a criança de tudo de ruim que pode haver nesse ambiente que se tornou cruel e cheio de hostilidades. Os motivos

seriam só esses? Certamente os progressos tecnológicos vieram com grande rapidez e trouxeram inovações, que modificaram os hábitos das brincadeiras infantis. A febre dos videogames, cada vez mais sofisticados, os jogos de computador, a internet, a televisão com programas chamativos, outras formas de brincar... entretenimento tecnológico. Poderíamos julgar se melhor ou pior? Encontramos muita coisa boa no que se refere a essas inovações, porém as crianças não brincam juntas, pelo menos não com a mesma intensidade. Os diálogos, muitas vezes, ocorrem on-line, através do “MSN”, onde a regra é digitar tudo errado, para não perder tempo. Será que essas crianças sabem brincar com outras, estabelecendo regras, socializando as brincadeiras, respeitando o outro? Se elas sabem, terão oportunidade para fazê-lo, no corre-corre dos dias atarefados de seus pais e delas próprias? Temos visto nossos próprios filhos, desde tenra idade, assumirem responsabilidades, como cursos de inglês, desenho, informática, natação e outros esportes, onde acreditamos estar preparando-os para o mundo e o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo. Mas eles brincam? Como brincam?

Nas instituições de Educação Infantil, é fácil detectar “brincadeiras agressivas”, crianças se estapeando, sem saber respeitar limites e regras. As brincadeiras e a maneira de brincar contribui para esse tipo de comportamento?

Nessa análise retrospectiva das lembranças de brincadeiras infantis da minha infância até os dias atuais, vejo que muito se perdeu, mas também temos que considerar as mudanças sociais, tecnológicas, progressistas e reconhecer avanços que acompanharam as defasagens. O que é bom? O que é ruim? Como contribuir para que as brincadeiras e a condução dessas brincadeiras se incorporem de

maneira significativa e positiva na formação da criança? Se esquecermos o saudosismo, sem contudo deixar de oferecer o que lá construímos de bom, e aproveitarmos o que temos nessa fase contemporânea do brincar, encontrando um ponto de equilíbrio, talvez encontremos respostas para essas questões.

APRESENTAÇÃO

Em princípio, todos os adultos de algum modo e em algum momento de suas vidas brincaram. Porém muitos esquecidos disto, mantêm separadas suas lembranças de brincadeiras infantis da realidade escolar que desempenham diariamente.

Como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental interessada em aprofundar essa temática, procuro identificar a sua dimensão educativa, considerando a brincadeira como um processo social amplo que ultrapassa o âmbito institucional e as diversas modalidades de ensino, quer sejam elas públicas ou privadas.

Na definição do tema de reflexão para este estudo, preocupações foram voltadas de forma imediata para as atividades docentes que desenvolvo.

A motivação veio em consequência de uma inquietação mediante as formas de moradias, a falta de espaço e o perigo das cidades que confinaram a maioria das brincadeiras de rua ao pátio das escolas e também é ali que mais se percebe a influência da televisão, da mídia em geral e dos brinquedos eletrônicos no repertório de atividades infantis.

Hoje, as residências não dispõem de quintais. Nos apartamentos e até mesmo em algumas escolas os espaços são mínimos obrigando as crianças à substituição das brincadeiras por entretenimentos ligados a vida moderna, como vídeo game e computador. O desaparecimento das brincadeiras no cotidiano infantil leva à perda da identidade cultural à medida que afasta uns dos outros reforçando o isolamento e o individualismo.

Segundo Steinberg (2001 p. 13 e 14):

“A mudança da realidade econômica, associada ao acesso das crianças a informações sobre o mundo adulto, transformando drasticamente a infância. Textos recentes sobre o assunto, tanto na imprensa popular quanto na escola, falam em “perda da infância”, “crianças crescendo muito rápido” e “terror das crianças no isolamento dos lares e comunidade fragmentados”...

Mesmo nas camadas populares, a comunidade se fragmentou quando a segurança das crianças na tradicional brincadeira de “gostosura ou travessura” não pode mais ser garantida.

Ao pretender estudar a dimensão educativa do brincar, procuro, num sentido mais amplo, sistematizar e analisar informações e estudos realizados durante o curso da PROESF ao longo dos seis semestres, procuro refletir sobre a minha prática pedagógica cotidiana, contribuindo para um esforço coletivo de dar continuidade e maior importância educativa ao brincar.

Se o brincar é instrumento para desenvolver a criança, é também instrumento para a construção do conhecimento infantil, pelo brincar, diz Vygotsky (1984), “*a criança reorganiza suas experiências*”. Oferecer oportunidade para a criança brincar é criar espaço para a reconstrução do conhecimento. O brincar permite ainda aprender a lidar com as emoções. Pelo brincar, a criança equilibra as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal, sua personalidade. Mas é Piaget (1971) que nos esclarece. “*O brincar implica uma dimensão evolutiva*”. Crianças de diferentes idades com características específicas têm formas diferenciadas de brincar.

Capítulo I: BRINCAR É COISA SÉRIA!

Brincar na escola é totalmente diferente de brincar em casa.

Na escola, o professor tem papel fundamental ao intervir de forma intencional no brincar de modo a desenvolver as capacidades infantis.

O brincar da escola é um brincar organizado, onde o tempo e a diversidade das atividades e do material são planejados pela professora, levando-se em conta a faixa etária, interesses e o nível de desenvolvimento de cada aluno: como o aluno está, o que precisa ainda alcançar e de que forma a professora poderá organizar e planejar o brincar a fim de atender os objetivos a serem alcançados. Cabe ainda ressaltar que este planejar deve envolver os aspectos sócio-culturais do grupo social do qual esses alunos fazem parte.

Intermediário entre o sonho infantil e a realidade do mundo adulto, o brinquedo também estimula a expressão dos sentimentos positivos e negativos, diante das vivências do dia-a-dia. Com essa ajuda, a criança traduz conflitos e se prepara para entrar no mundo adulto.

Importante ainda é oferecer desafios compatíveis com a faixa de idade. Assim, o aluno não estará exposto a frustrações desnecessárias.

Segundo Moyles (2002 p. 19 a 23),

“Quando a criança brinca: elabora hipóteses para a resolução de seus problemas; busca alternativas para transformar a realidade; aprende sobre si mesmo e sobre o mundo que a cerca; realiza seus sonhos, desejos, criando e recriando as situações que ajudam a satisfazer algumas necessidades interiores presente; experimentam emoções, ganha autoconfiança; aprende a reforçar seus laços afetivos; desenvolvem a linguagem; cria oportunidades para o aprendizado, a criatividade e a comunicação da criança.”

“Longe de ser uma atividade supérflua, para “o tempo livre” o brincar, em certos estágios iniciais cruciais, podem ser necessário para a ocorrência e o sucesso de toda a atividade social posterior.”

As crianças necessitam brincar e explorar tudo o que existe ao seu redor, experimentando, observando e manipulando diferentes tipos de objetos. Cada faixa

etária exige diferentes desafios que atendam os níveis específicos de cada fase da infância. Ao passo que a criança vai crescendo e desenvolvendo-se, suas necessidades irão modificando e os seus conhecimentos serão ampliados.

Para Fontana (1997 p. 54):

“O papel fundamental da escola é dar à criança oportunidades de agir sobre os objetos de conhecimentos: o professor não deve ser aquele que transmite conhecimentos à criança, mas sim um agente facilitador e desafiador de seus processos de elaboração; a criança é quem constrói o seu próprio conhecimento.”

Por meio do curso PROESF, compreendi a importância do brincar no processo de construção do conhecimento dos meus alunos.

Durante o tempo em que trabalhei com o grupo do maternal (2001 a 2004), aprendi o quanto o professor precisa ser dinâmico e criativo, pois a atenção da criança pequena ainda é muito pequena, e as atividades devem estar totalmente voltadas ao lúdico, proporcionando à criança observações, experimentações e manipulações dos objetos que a cercam.

No período em que trabalhei com as crianças de dois a seis anos em (2003 e 2004), compreendi a importância do jogo simbólico no qual os alunos representavam diferentes papéis no faz de conta, como: “papai”, “mamãe” e “professora”, transformando-se naquilo que quer ser.

Para Fontana (1997 p. 50),

“Com o desenvolvimento da função simbólica, a partir do segundo ano de vida, o eu e o mundo reorganizam-se num novo plano: o plano representativo. A criança reproduz, ou imita, utilizando gestos ou onomatopéias, o comportamento e os sons de um modelo ausente, representando-o de alguma forma simbólica no jogo do faz-de-conta. Por meio de uma imagem mental, um símbolo, começa a imaginar fatos, objetos, pessoas, acontecimentos que ocorreram em outras ocasiões, procurando lembrá-los. O espaço e o tempo se ampliam, à medida que o desenvolvimento da função simbólica a libera de agir somente em situações do meio imediato. Ela torna-se capaz de imaginar ações ou fatos sem praticá-los efetivamente.”

Segundo Moyles (2002 p.48 a 51),

“A criança encontra por meio da fantasia satisfazer suas necessidades intelectuais e afetivas, adaptando-se ao real, ou seja, permitindo-lhe reviver as suas alegrias, conflitos, medos, transformando situações reais em faz-de-conta.”

E isso se confirmou em minhas experiências pedagógicas, então procurei estimular o brincar por meio do mundo da fantasia.

A experiência que tenho com criança de sete a dez anos, de 1994 a 2005, mostraram-me que nesta fase, os alunos gostam de jogos com regras, jogos de competição e cooperação.

Segundo Fontana (1997), nesta fase a criança é capaz de representar o mundo externo e suas próprias ações, tornando-se capaz de tratar objetos como símbolos de outras coisas. Ela pode compreender o ponto de vista do outro e conceitualizar algumas relações, estabelecendo o pensamento lógico no final do período das operações concretas.

Por meio de jogos, os alunos compreendem com facilidade conceitos que não haviam assimilado. Utilizo os jogos que podem proporcionar aos alunos a aprendizagem de forma concreta para que mais tarde possam abstrair os conhecimentos. Como por exemplo: “o jogo nunca dez” (com uso do material dourado) facilita a compreensão do sistema de numeração decimal concordando com que diz Fontana (1997 p.50): *“A criança deverá reconstruir no plano de representação aquilo que já haviam conquistado no plano da ação prática.”*

Mas, para garantir o sucesso das atividades propostas, procuro fazer um planejamento prévio, seleciono os jogos mais adequados para atingir os meus objetivos e observo a faixa etária dos meus alunos. Ao aplicá-los, fico atenta ao desempenho dos alunos e quando necessário faço intervenções para auxiliar as crianças na busca do conhecimento, de maneira que elas reflitam sobre a atividade.

Acredito que a criança deve ter todas as possibilidades de se entregar a jogos e atividades recreativas.

Embora pareça óbvio, o direito da criança brincar teve de ser conquistado. A brincadeira passou a ser levada a sério pelos adultos e chegou à Declaração dos Direitos da Criança das Nações Unidas, que afirma, no sétimo artigo: “A criança deve ter todas as possibilidades de se entregar a jogos e atividades recreativas, que devem ser orientadas para os fins visados pela educação. A sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o exercício deste direito reconhecido no “Artigo 31 da Convenção sobre os Direitos.”

O direito de brincar precisa ser garantido!

A declaração dos direitos das crianças declara taxativamente que brincar faz parte da educação.

Toda criança vive agitada e em intenso processo de desenvolvimento corporal e mental. Nesse desenvolvimento se expressa a própria natureza da evolução e esta exige a cada instante uma nova função e a exploração de nova habilidade.

Essas funções e essas novas habilidades, ao entrarem em ação, impelem a criança a buscar um tipo de atividade que lhe permita manifestar-se de forma mais completa. Essa atividade é o brincar.

Segundo Marcelino (1990 p 54-55):

“A análise da criança inserida na sociedade demonstra que, de uma perspectiva mais geral, o que vem se verificando de modo crescente, é o furto da possibilidade da vivência do lúdico na infância.
O adulto potencializa em que se deve investir, o que gera o sentimento de inutilidade da infância.
Negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança.”

Mas, até os tempos atuais ainda confundem-se “ensinar” com “transmitir” e, nesse contexto, torna-se o aluno um agente passivo da aprendizagem e o professor, um transmissor não necessariamente presente nas necessidades do aluno.

Ainda, observo que alguns professores banalizam o lúdico, para estes, o brincar é “matar aula”, pura enrolação. Para eles, o aluno assimila por meio de treinos de atividades no caderno, e o brincar não pode se misturar com o conhecimento formal.

Muitos chegam a dizer “eu aprendi assim, e é assim que meus alunos irão aprender.” Alguns diretores e coordenadores “torcem o nariz” para a empolgação dos alunos, criticando o trabalho do professor, e só valorizam e elogiam os professores que “dominam” bem os seus alunos, mantendo-os calmos e disciplinados.

Alguns funcionários da área da educação, criticam a “bagunça dos alunos”, visto que, às vezes é necessário limpar ou organizar os espaços um pouco mais do que o habitual.

Os pais não dão crédito ao brincar, não compreendendo sua importância pedagógica, valorizam apenas o caderno “cheio” de atividades mecânicas (ver anexo I).

Segundo Moyles (2002 p. 170 a 173): *“O professor deve estimular a participação e envolvimento dos pais na vida escolar de seu filho, integrando-os e envolvendo-os de forma que se sintam seguros quanto ao trabalho do professor.”*

Hoje, na primeira reunião de pais e mestres, explico a forma do meu trabalho e sempre que possível por meio de dinâmicas, explico a importância do brincar na escola e sua contribuição para o desenvolvimento escolar do discente.

Quanto aos colegas funcionários da escola (professores e diretores), mostro os resultados alcançados com a prática pedagógica que adotei.

Capítulo II: BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Durante as práticas realizadas em escolas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, notamos que o brincar é algo isolado e reservado às aulas de Educação Física.

Destacamos a importância do aprender brincando, em oposição à utilização da violência e da repressão. Porém, em sua grande maioria, os professores preferem manter a classe em absoluto silêncio, a dirigir alguma brincadeira que facilitaria o aprendizado em sala.

Sabemos que brincar é uma conduta típica e espontânea da criança, porém o brincar no Ensino Fundamental é tido como desvio de comportamento, falta de educação e outras.

Os alunos de Ensino Fundamental ainda são crianças e utilizam-se do brincar para se relacionar com outras crianças e adultos e assim aprender a viver de forma sociável na sociedade e desenvolver a diferenciação do real e do imaginário.

São poucas as escolas de Ensino Fundamental que acreditam no brincar como método pedagógico auxiliar. Preferem pensar que brincar é somente diversão e que portanto, deve ficar somente na Educação Infantil.

O uso do brincar no Ensino Fundamental torna-se cada vez mais escasso, pois, em nossa sociedade contemporânea, ler, escrever e estudar, tornaram-se atividades fundamentais, e os jogos e as brincadeiras tornam-se secundários.

Para confirmar isso, Fontana nos relata que:

“Na escola, como lugar essencialmente destinado à apropriação e elaboração pela criança de determinadas habilidades e determinados conteúdos do saber historicamente construído, a brincadeira é negada, secundarizada ou vinculada a seus objetivos didáticos. Nesse último caso, diz-se que brincar é uma forma de aprender, privilegiando-se assim, a atividade cognitiva implícita na brincadeira, em detrimento de seu caráter lúdico (op.cit.,p.136)”

O brincar na escola é muito importante em vários aspectos. Brincando podemos aprender, mas também podemos relacionar, imaginar, confrontar, transformar, ser.

O lúdico e os jogos podem auxiliar o professor em sala de aula e ensinar vários conteúdos, ajudando o aluno na construção de novos conhecimentos, como por exemplo o da língua escrita.

A fantasia tem um grande valor no desenvolvimento da inteligência da criança, portanto o Ensino Fundamental deveria adotar com mais frequência atividades lúdicas.

Hoje, há jogos e brinquedos deixados empoeirados nos almoxarifados das escolas e crianças cada vez mais dispersas, com baixo desenvolvimento psíquico, agressivas, tímidas, crianças que logo desistem de estudar, pois apenas enxergam um lado negativo da escola, nem tudo se deve à ausência ou pouca utilização do brincar, mas muitos problemas podem ser contornados e resolvidos em sala de aula se a criança for tratada como tal: criança!

A criança quando chega ao Ensino Fundamental, chega com conhecimentos adquiridos da pré-escola e vinda de uma realidade lúdica, muitas vezes proporcionada em casa e na Educação Infantil, portanto ao ingressar numa turma de 1ª série, ela pode ficar com uma visão um tanto negativa da escola e do estudar, não tendo assim prazer em aprender. Porém, ao brincar, a criança não se situa apenas no momento presente, mas no seu passado e futuro.

Numa reflexão crítica, faz-se necessário desmistificar o pensamento de que o brincar na escola é dirigido apenas às crianças da Educação Infantil e concluir que, direcionado ou não, brincar é interessante também para o Ensino Fundamental e é totalmente possível esta prática, tornando assim a escola um lugar mais prazeroso, o que facilita a prática docente.

O brincar auxilia tanto na prática pedagógica de um educador quanto no aprendizado de um educando; ressaltando que o êxito do processo ensino-aprendizagem depende em grande parte, da integração professor-aluno, sendo que nesse relacionamento, a atitude do professor é fundamental. Ele deve ser antes de tudo, um facilitador da aprendizagem, criando condições para que a criança explore os objetos e seu meio, interagindo com seus companheiros, promovendo um ambiente que valorize a assimilação do conhecimento efetivamente.

É necessário enfatizar também que, em muitos casos, para garantir o direito da criança, seria de fundamental importância pleitear reformas nas unidades escolares, aparelhando suas instalações e construção de escolas com instalações adequadas, pois algumas instituições se encontram em péssima qualidade, mas esbarram na limitação de recursos.

Muitas vezes, o professor acomoda-se e acaba por não lutar por melhores condições para realizar seu trabalho, mesmo em meio às dificuldades.

Capítulo III: A INFÂNCIA PÓS - MODERNA E O FURTO DO LÚDICO

Segundo Marcellino (1990), a criança não tem tempo nem espaço para ser criança. O mundo infantil está impregnado por elementos da cultura dos adultos. As crianças são vistas como “improdutivas” socialmente, pelos adultos que buscam transformá-las em adultos potencialmente produtivos (preparando-a para o futuro), de forma que banalizam a infância, tornando-a uma mercadoria social. Para Marcelino (op.cit.), o lúdico vem sendo negado cada vez mais precocemente.

Um claro exemplo disso é a influência da mídia como agente poderoso de transformação da realidade, modificando o papel social dos indivíduos ligados a interesses mercadológicos.

Para Steinberg (2001), com relação à mídia televisiva (propagandas), suas tentativas no sentido de romper com o tradicional e de contribuir na construção do novo, com relação aos valores, principalmente, os familiares, sem dúvida vem acarretando mudanças de hábitos e de comportamento no mundo imaginário masculino/feminino infantil, arranjos estes que agem em seu comportamento dinâmico, cujas modificações não acontecem tão rapidamente mas vão se manifestando de uma forma ou de outra. Ao relacionarem-se com as formas e os conteúdos de desenhos animados, programas infantis, comerciais, novelas da TV, por exemplo, e com as pessoas presentes na sua vida escolar, as crianças mostram-se como sujeitos ativos e interativos, enquanto participantes dessas inter-relações, recebem influências de diversas qualidades e níveis para viverem no mundo contemporâneo.

Para manter o sistema capitalista, instrumentalizam-se as culturas infantis, deixando de reconhecer as crianças como produtoras de sua própria cultura, impondo outros valores ideológicos.

Confirmado por Marcellino (1990, p. 67):

“A infância não está imune ao furto da vivência do componente lúdico na sua cultura enquanto processo propriamente dito, uma vez que ela é destacada, cada vez mais na sociedade, enquanto consumidora e, portanto, o privilégio é dado para o elemento lúdico, visto como objeto. Dessa forma, a produção cultural da criança é substituída gradativamente por produção cultural para a criança, que a considera apenas como consumidor potencial. A civilização do consumo e da competição econômica desvirtuou totalmente a noção da criança feliz. Em lugar dela colocou, na realidade, a criança acomodada, que deve buscar distração olhando passivamente as imagens da televisão ou usando, como autômato, os brinquedos caros posto à sua disposição. O que se quer, realmente, é que a criança não incomode, mesmo que sua alegria seja apenas aparente, o consumo convencional e padronizado da alegria, que mata na criança a capacidade de ser espontânea e de ter a felicidade autêntica, que brota de seu espírito.”

A escola como espaço do conhecimento necessita contribuir nesse papel, de “resgate” do lúdico.

Para Marcellino (op.cit., p. 78):

“A escola necessita considerar a cultura da criança, valorizando o componente lúdico, apesar de todas as barreiras verificadas no plano social, e principalmente procurando minimizar seus efeitos. Contudo, a negação do lúdico na escola, está diretamente relacionada com a negação que ela faz da criança, ou o seu desrespeito, ou ainda o desrespeito a sua cultura. E o mundo do lúdico parece ser o traço distintivo dessa cultura.”

Concordo com Marcellino (op.cit.), quando diz que a criança precisa ser respeitada pelo adulto, precisa ter o direito de sonhar, experimentando e buscando novos caminhos e soluções, precisa ser reconhecida como ser social e ter preservado seus valores da infância.

Marcellino (1990, p.80 e 85) vai mais além, defende o lúdico principalmente como atividade recreativa:

“Raramente a atividade lúdica é considerada pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são carregadas pelo adjetivo “educativo”, que perdem a possibilidade da realização do brinquedo, da alegria, da espontaneidade, da festa.

Para que a Escola possa contribuir para recuperar e conviver com o lúdico, é necessário, antes de tudo, que se saiba quem se está educando. É preciso considerar que não existe uma criança, mas várias crianças, com repertórios variados, entre outros fatores, pelo tipo de aquisição verificadas na vivência, ou na não-vivência do lúdico. Não existe, assim, apenas uma cultura da criança, mas várias culturas da criança, não entendendo-a na completude, pode reforçar a situação no plano social, ao invés de contribuir para mudanças”.

Eu, como professora, procuro trazer a problemática e conduzir meus alunos a refletirem sobre os aspectos sociais ideológicos, despertando a desenvolverem um olhar crítico sobre as influências da mídia, na instrumentalização da cultura infantil. Procuro resgatar o lúdico no dia-a-dia em sala de aula, mesmo sabendo que esse trabalho é um processo gradativo e contínuo, e isso é o que mais me angustia, pois sei que no próximo ano letivo nem sempre ele terá continuidade.

Acredito que esse processo já é um começo para que, mais tarde, tornem-se ações concretas, pois meu objetivo não é apenas de construir um novo olhar nos meus alunos, e sim de transformar esse olhar crítico em ações construtivas para que a nossa sociedade que é tão desigual torne-se mais igualitária e justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todos os momentos do dia, de todos os dias da vida eram para aprender e ensinar de novo ensinar e aprender, vivendo e brincando, trabalhando e sendo...”

(Carlos Rodrigues Brandão, Lutar com a palavra)

No curso do PROESF, o brincar foi abordado como tema essencial no processo de ensino-aprendizagem.

Como educadora, as contribuições dos estudos vivenciados durante o curso fez despertar a sua importância em minha prática pedagógica. Hoje valorizo mais o lúdico e aprendi a respeitar os meus alunos como indivíduos que necessitam ser “estimulados” em todos os seus aspectos (cognitivo, físico, afetivo e social).

Acredito que o curso me fez refletir sobre a responsabilidade que temos em nossas mãos. Por isso, faço da reflexão sobre a minha prática, um instrumento de uso cotidiano; questionando-me, pesquisando, observando, investigando a melhor maneira de contribuir para o sucesso escolar dos meus alunos.

Segundo Kenneth (1993, p. 17):

“O conceito de professor como prático reflexivo reconhece a riqueza da experiência que reside nas práticas. Na perspectiva de cada professor, significa que o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência.”

Hoje sei, que se faz necessário romper com os paradigmas da memorização e mecanização, tendo em vista que este sistema tem trazido conseqüências negativas e causando aversão em nossos alunos. (Mantovani, 2003)

Durante a minha escolaridade, não tive a oportunidade de refletir e construir, de criar e recriar o conhecimento por meio do lúdico. A interiorização de conceitos abstratos não partia do concreto, eram mecânicos e repetitivos.

Hoje temos a oportunidade de conceituar e reconstruir por meio de atividades prazerosas e interessantes: *“o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e a aprendizagem. Isso é certamente uma razão suficiente para valorizar o brincar”* (Moyles, 2002, p.21).

Brincando a criança ordena o mundo à sua volta, assimilando experiências e informações, e sobretudo, incorpora valores. Por meio do lúdico, ela reproduz e recria o meio que a cerca.

Para Moyles, (2002, p. 37): *“O brincar é a principal atividade da criança na vida, através do brincar ela aprende as habilidades para sobreviver no mundo que nasceu.”*

A importância do brincar tornou uma nova dimensão em minha vida profissional e até mesmo pessoal, hoje compreendo que os meus alunos acima de tudo são crianças.

Antes do curso PROESF, eu tinha muito forte em mim a visão conteudista do ensino. Os estudos realizados durante o curso me fizeram ter um novo olhar sobre o brincar, e hoje compreendo efetivamente a sua importância na vida escolar dos meus alunos, como facilitador da aprendizagem, mas também como atividade que proporciona um vínculo afetivo na relação professor-aluno.

Acredito que o lúdico aproxima o adulto (no caso, a professora) da criança, estabelecendo uma relação de afetividade, prazer e crescimento para ambos os lados.

Durante muito tempo, deixei de proporcionar aos meus alunos, momentos de brincadeiras, pois não tinha a consciência da importância deles para o desenvolvimento afetivo e cognitivo. Mas infelizmente, o lúdico é considerado “passatempo” principalmente no Ensino Fundamental.

Aos poucos, comecei a mudar a minha prática e começo a desenvolver um trabalho voltado para atender as necessidades das crianças, e percebi o quanto elas têm curiosidade e vontade de aprender. Procuro criar espaços para a brincadeira como também participo delas, (lembro-me que as crianças achavam engraçado, ou me olhavam espantadas e até mesmo admiradas quando comecei a participar das brincadeiras).

Sei que ainda tenho muito que aprender, mas acredito que o primeiro passo foi dado!

*“Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei, eu nada sei;
... É preciso amor para poder pulsar;
É preciso paz pra poder sorrir;
É preciso a chuva para florir.
... Cada um de nós compõe a sua história,
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz.”*

Almir Sater/Renato Teixeira
(Tocando em frente)

Bibliografia

- ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: R.J. Vozes, 1998.
- ARIES, P. Prefácio. In ARIES, P. História Social da Criança e da Família. R.J., Zahar Editores, 1981. pp. 9-27.
- FONTANA, Roseli. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo, SP, Atual, 1997, p. 43 a 56.
- FONTANA, Tânia Ramos. Papel do Brincar. P. 9i14. Revista do Professor. Porto Alegre, RS. Jul/Set, 2002.
- KAMMI, Constance; Devries, R. Piaget para educação pré-escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MANTOVANI, Orly Zucatto de Assis; ASSIS, Mucio Camargo de , (organizadores) PROEPE: Fundamentos teórico e prática pedagógica para educação infantil, Campinas, SP. Graf. FE; IDB, 2003.
- MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da animação. Campinas, SP: Papirus, 1990, Cap II, p.53-89.
- MOYLES, Janet R. Só brincar? O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PIAGET, Jean. A Construção do Real na Criança. Ática São Paulo, SP. 1996.
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação, Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.
- STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. Sem segredos. Cultura infantil – A Construção Corporativa da Infância. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2001. pp 09-52.
- STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. Cultura Infantil – A Construção Corporativa da Infância. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001. p. 53-86.
- ZEICHNER, Kenneth M. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. – (Educa. Professores: 3), 1993.